
APRENDER A LER E TORNAR-SE LEITOR CRÍTICO: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Vanessa Teixeira Ribeiro*

Resumo: Esta pesquisa visa investigar as práticas socioculturais de letramento que os estudantes da *Educação de Jovens e Adultos* realizam fora do espaço escolar, entendendo-as, assim, "como produtos da cultura, da história e dos discursos." (Street, 2014, p.9). Projetamos um estudo exploratório dessas práticas, recorrendo ao campo da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 1996) e aos Novos Estudos do Letramento (GEE, 2008; STREET, 2014), a fim de repensá-las dentro de um modelo ideológico. Com finalidade diagnóstica, analisamos as respostas de questionários aplicados em uma turma multisseriada do Ensino Fundamental, os quais enfocaram as experiências deste público com as práticas socioculturais de letramento. Percebemos que tais práticas são entendidas como uma experiência desvinculada da realidade vivida na escola.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Práticas socioculturais. Letramento.

Introdução

Este artigo é um recorte de uma pesquisa inicial de mestrado. O estudo apresenta-se como reflexão, de aproximadamente dez anos, de prática pedagógica nas fases iniciais da *Educação de Jovens e Adultos*, em especial de experiências de leitura na disciplina de Língua Portuguesa, nesta modalidade de ensino. O tema a ser desenvolvido neste estudo originou-se no contexto de nossa prática docente e foi buscar nas concepções de Paulo Freire a inspiração para uma educação comprometida com a relação seres humanos-mundo e a palavra, a qual deve ser compreendida e contextualizada. Nesse sentido, assegura Freire (2003, p. 20), que "A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Leitura e realidade se prendem dinamicamente.", daí emerge o interesse de ampliação e aprofundamento das reflexões acerca das práticas socioculturais de letramento dos estudantes da EJA fora do espaço escolar, uma vez que reconhece-se que há de se considerar todo o contexto discursivo em que esses estudantes estão inseridos.

Assim, refletindo sobre os usos e significados sociais do letramento na *Educação de Jovens e Adultos*, podemos definir algumas questões como hipóteses para este trabalho. Quais são as práticas

* Mestranda em Estudos Linguísticos (2016), na FFP-UERJ, no PPLIN. E-mail: cavalcantvtribeiro14@gmail.com.



de letramento que os estudantes da EJA desenvolvem fora da escola? Os estudantes da EJA não reconhecem suas experiências de leitura como válidas por não serem legitimadas pela escola? É possível uma mudança de paradigma nas práticas socioculturais de letramento que levem em consideração as práticas cotidianas desses alunos?

Reunimos nesta pesquisa os questionamentos e hipóteses iniciais em torno desse objeto de estudo – que chamamos de *práticas socioculturais de letramento na EJA* – para compreender os desdobramentos dessa análise, considerando a relevância das práticas cotidianas dos estudantes, entendendo-as como "produtos da cultura, da história e dos discursos." (Street, 2014, p. 9)

Com efeito, nosso objetivo é investigar as práticas socioculturais de letramento, dos estudantes da EJA, fora do espaço escolar, partindo do modelo ideológico de educação (STREET, 2014), tendo em vista a importância dos sujeitos do discurso nas ações linguísticas (orais e/ou escritas) e ampliar a discussão sobre essas práticas, a partir de considerações socioculturais do lugar social e do papel social do sujeito.

A importância desse trabalho está em lançar um olhar culturalmente sensível para as práticas não escolares de letramento na *Educação de Jovens e Adultos* (EJA), entendendo-as como práticas socioculturais manifestadas em diferentes grupos e de diferentes formas. Por esse viés, o estudante compreende os mais variados gêneros textuais que circulam socialmente e as relações que esses textos – entendidos como formas materializadas de linguagem – estabelecem com as práticas sociais vigentes.

Pressupostos Teóricos

O presente estudo está ancorado na perspectiva dos *Novos Estudos do Letramento* (STREET 2014; GEE 2008), porque apontam para uma visão mais ampla do conceito de letramento e retomam, de forma mais explícita, uma das teses centrais, que é compreender o letramento como prática social.

Em face da emergência dos novos estudos do letramento, fatores como o contexto social e os papéis sociais se revelam importantes para refletir as práticas socioculturais de letramento na EJA. Que letramentos escolares estão disponíveis na escola e fazem sentido para esses estudantes que não buscam na EJA "o tempo perdido na escola"? Mas para além do legítimo desejo de reconhecimento social, ele busca a escola para aprender conhecimentos importantes no momento atual de sua vida, conhecimentos que permitam "desenvolver e construir conhecimentos,



habilidades, competências e valores que transcendem os espaços formais da escolaridade e conduzam à realização de si e ao reconhecimento do outro como sujeito." (Parecer CNE 11/2000)

Dessa forma, vemos nos trabalhos que privilegiam os *Novos Estudos do Letramento* uma perspectiva teórica de análise que entende que o letramento escolar não pode ser trabalhado sem que haja o entendimento, por parte da escola, da realidade discursiva do estudante. Nesse sentido, pode-se ponderar que existem letramentos sociais constituídos pelas práticas escolarizadas e não escolarizadas. Com isso, compreendemos melhor a relação de interdependência entre a linguagem, o homem e o mundo.

De maneira geral, sabemos que o homem emprega a linguagem para se comunicar através de textos e que estes não podem ser compreendidos sem a pressuposição de um contexto e de interagentes envolvidos na troca comunicativa – critérios fundamentais para que se compreenda a circulação desses textos socialmente de acordo com gêneros discursivos partilhados. Para além disso, é através da linguagem que nos constituímos como sujeitos e construímos nossas identidades por meio de uma representação.

Isso leva à mudança de paradigma e a uma mudança na prática pedagógica; iniciar o trabalho na EJA requer o diálogo com o mundo externo ao da escola. Como jovem ou adulto, o aluno já possui uma história linguística, adquirida por meio de sua experiência social. Assim, quando chegam à escola para aprender a ler, os estudantes já viram diversas palavras escritas - nos cartazes e placas de rua, nos jornais, nas embalagens de alimentos e remédios. Provavelmente, sabem que a escrita tem significado, embora não percebam exatamente de que maneira os sinais escritos funcionam para transmitir uma mensagem.

As discussões propostas por Street mostram que os sujeitos estão imersos a práticas sociais concretas em que diversas ideologias e relações de poder atuam em todo tempo nesses contextos. Assim, Street defende "um modelo ideológico, para compreender o letramento em termos de práticas concretas e sociais. Ou seja, as práticas letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos." (STREET, 2014, p.9)

Entretanto, as instituições de ensino, na compreensão de Street (2014), de modo geral, vêm desprezando os letramentos locais e não escolares, partindo do pressuposto de que os públicos-alvo são "analfabetos" que mal sabem rabiscar. Nessa concepção de letramento dominante, não é considerado que a autorreflexão e o pensamento crítico também sejam encontrados em sociedades e contextos supostamente não letrados.

Observa-se, assim, que ainda está sendo praticado na escola um modelo de letramento forasteiro e independente do contexto sociodiscursivo do aluno, o qual Street (2014) chama de



letramento autônomo. Segundo o teórico:

O modelo autônomo de letramento funciona a partir do pressuposto de que o letramento por si só - autonomamente - terá efeitos em outras práticas sociais e cognitivas. Entretanto, esse modelo, levando a crer que tais práticas são neutras e universais, na verdade mascara e silencia as questões culturais e ideológicas que a elas são subjacentes (STREET, 2014, p.7).

Apesar do Parecer 11/2000 do CNE/CEB (Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Básica) reconhecer a EJA como um direito social, atribuindo-lhe três funções principais: reparadora, equalizadora e qualificadora; e defini-la como "uma categoria organizacional constante da estrutura da educação nacional com finalidades e funções específicas" (BRASIL, 2000, p.05), colocando-a como instrumento para o exercício da cidadania, ressaltando suas especificidades em função das condições socioculturais de seus sujeitos, o aluno jovem e adulto não reconhece na escola um espaço democrático em que suas experiências de vida podem ser valorizadas e legitimadas como formas de letramento.

Repensar as práticas de letramento na EJA é pensar num modelo ideológico de letramento, é pensar junto com Street em "desenvolver estratégias de letramentos que lidem com a evidente variedade de necessidades letradas da sociedade contemporânea." (STREET, 2014, p.59). Acrescentando que essas estratégias devem estar relacionadas com os letramentos não escolares.

Numa perspectiva mais abrangente, Gee (2008) explica que os novos estudos do letramento apontam numa direção em que o letramento se encontra intrinsecamente relacionado às questões interculturais das escolas e das comunidades. (GEE, 2008, p. 31). Além disso, em sua concepção, o letramento está "centrado em torno dos discursos" (GEE, 2008, p. 182). Portanto, as práticas de letramento estão quase sempre integradas e entrelaçadas socialmente, constituindo parte da própria textura dessas práticas que envolvem a conversa, interação, valores e crenças (GEE, 2008, p.45).

Há de se considerar também as duas categorizações elencadas por Barton e Hamilton (1998): a dos *eventos de letramento* e das *práticas de letramento*. Segundo os autores, eventos de letramento são situações reais de uso da leitura e da escrita, são episódios que emergem das práticas e que são definidas por elas. Já as práticas de letramento são abstrações materializadas nos eventos de letramento, os quais trazem suas concepções de leitura e escrita. A análise dessas categorias são importantes para o estudo, porque podemos perceber os usos culturais da leitura e da escrita e os significados que adquirem em cada grupo.

Pensando em como acontecem esses eventos de letramento na EJA, percebemos que os estudantes valorizam muito o ambiente escolar, a leitura e a escrita, mas não se veem como



participantes desse processo. Conforme Kleiman (1995, p. 20), a escola se constitui como "[...] a mais importante das agências de letramento [...]", assumindo papel de destaque na formação leitora dos educandos. No entanto, esse papel é historicamente permeado por conflitos sociais, políticos e ideológicos, principalmente quando tratamos da formação leitora do sujeito jovem e adulto. De acordo com Soares (2004), o acesso ao mundo letrado, para as camadas populares, em geral, é dificultado ou até mesmo impossibilitado, restringindo-se à alfabetização, pois "[...] ao povo permite-se que aprenda a ler, não se lhe permite que se torne leitor." (SOARES, 2004, p. 25).

Para tanto recorro ao campo da Linguística Aplicada para repensar a importância da leitura na construção do sujeito leitor, propondo reflexões sobre o processo de reconhecimento desse sujeito enquanto parte integrante desse sistema. Conforme argumenta Moita Lopes (1996) "a Linguística Aplicada é uma ciência social de estudos de linguagem em diferentes contextos e com diferentes propósitos comunicativos e interacionais", por esse viés significa perceber a pertinência do trabalho da Linguística Aplicada, uma vez que ela reconhece a existência de problemas sociais e tem sua parcela de contribuição a oferecer.

Ler criticamente significa estabelecer, a partir de um determinado texto, associações mentais que possibilitem compreender que em diferentes práticas discursivas os indivíduos criam, recriam e/ou transformam estruturas sociais de dominação, desigualdade e discriminação. Ainda em Moita Lopes temos a seguinte reflexão: "à perspectiva que consiste em buscar resolver problemas sociais, o autor prefere contrapor a tarefa de renarrar/redescrever a vida social, projeto que tem uma ligação direta com a necessidade de compreendê-la." (MOITA LOPES, 2006, p.90)

Atribuo, então, à Linguística Aplicada o papel de relevância, principalmente pela possibilidade de atender aos alunos jovens e adultos que

[...] não são acidentados ocasionais que, gratuitamente, abandonaram a escola. Esses jovens e adultos repetem histórias longas de negação de direitos. Histórias que são coletivas. As mesmas vivenciadas por seus pais e avós; por sua raça, gênero, etnia e classe social. (ARROYO, 2007, p.30)

Considerando que a Linguística Aplicada assume um caráter de responsabilidade social, as reflexões sobre as práticas socioculturais de letramento na EJA são pertinentes e vão ao encontro das considerações de Maingueneau (1996 apud Délcio Rocha e Del Carmen Daher, 2015)

Considerando necessário investir no tema, tomemos por base a caracterização oferecida por D. Maingueneau em *Aborder la linguistique*, obra de 1996 na qual o autor sustenta que a linguística aplicada se diferencia por três características: (i) a linguística aplicada responde a uma demanda social; (ii) a linguística aplicada faz



empréstimos a diferentes domínios científicos e técnicos; (iii) a linguística aplicada é avaliada por seus resultados [...] Como último subitem, às três características levantadas pelo autor acrescentaremos duas outras mais claramente polêmicas: (iv) a linguística aplicada se volta prioritariamente para o ensino/aprendizagem de línguas; (v) a linguística aplicada encontra suas bases teóricas na pesquisa linguística. (Maingueneau 1996 apud Délcio Rocha e Del Carmen Daher, 2015, p. 113-114)

Tendo em vista o aporte teórico indicado para esta pesquisa, é necessário que as práticas socioculturais de letramento na EJA sejam ressignificadas de modo que auxiliem na formação crítica dos alunos, de um lado possibilitando os sujeitos o acesso aos conhecimentos, historicamente, negados, de outro, auxiliando na inserção desses jovens e adultos, de forma mais autônoma, no universo das práticas sociais do lugar de onde vivem, do mundo do qual fazem parte.

Metodologia

Para alcançarmos os objetivos propostos neste estudo, procedemos inicialmente ao estudo de caso exploratório das práticas socioculturais de letramento dos estudantes da EJA, no campo da Linguística Aplicada.

Identificamos esta pesquisa como uma abordagem de natureza qualitativo-interpretativa baseada em estudo de caso pela importância que atribuímos ao conhecimento dos sujeitos, cujos dados são gerados pela observação participante, com viés etnográfico.

Apresentaremos nesse trabalho um estudo exploratório inicial, com finalidade diagnóstica, no qual analisamos as respostas de questionários aplicados em uma turma multisseriada do Ensino Fundamental da *Educação de Jovens e Adultos*, os quais enfocaram as experiências deste público com as práticas socioculturais de letramento. A partir dessa análise, percebemos um distanciamento entre as práticas de letramento desenvolvidas pela escola e as realizadas pelos estudantes na vida cotidiana.

Análise de Dados

O *corpus* a ser analisado nesse estudo compõe-se de um questionário de pesquisa aplicado em uma turma multisseriada de II e III fases da *Educação de Jovens e Adultos* de uma escola pública municipal situada na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro na cidade de Maricá. Os dados foram produzidos por meio de uma atividade proposta para interação com os alunos da turma, fazendo-os refletir sobre os próprios hábitos de leitura fora do espaço escolar e a importância



da escola na vida deles. Coloquei-me como mediadora dessa atividade, uma vez que encontrava-me como professora regente da turma no segundo semestre do ano letivo de 2016.

Do ponto de vista micro-analítico, caracterizo o contexto a começar pelo *lugar* da interação - *a escola*. Trata-se de uma instituição escolar que comporta pouco mais de 1.200 alunos, distribuídos em três turnos entre os primeiro e segundo segmentos do Ensino Fundamental, incluindo a modalidade EJA, cerca de 100 professores em atividade e conta com uma direção que está à frente da escola há aproximadamente 6 anos.

Na ocasião, a turma foi dividida em duplas, para que pudessem compartilhar as respostas as cinco perguntas do questionário. A saber:

- 1) O que você faz quando não está na escola?
- 2) Você gosta de ouvir música? Que tipo de música?
- 3) Você gosta de ler?
- 4) O que você lê fora da escola?
- 5) O que você faz nos momentos de lazer?

Como o objetivo desta pesquisa é investigar as práticas socioculturais de letramento na *Educação de Jovens e Adultos*, escolhi o questionário como um dos instrumentos de geração dos dados, nessa fase inicial da pesquisa, pois a partir dele pude analisar as respostas dos alunos sobre como concebem a prática de leitura fora da escola e qual a importância que atribuem a ela.

A escolha pelo questionário deve-se ao fato de considerar um meio imparcial, que apresenta as mesmas questões para todas as pessoas, garante o anonimato e pode conter questões para atender a finalidades específicas de uma pesquisa. Sem intervenção direta de um outro interlocutor, o questionário permite que os alunos sintam-se à vontade para responder às perguntas elaboradas.

A motivação pela atividade partiu da minha experiência com esse público, de aproximadamente dez anos, junto à inquietação ao identificar nos alunos um distanciamento das práticas de leitura, oferecidas na escola, das práticas de leitura realizadas por eles. Percebo que os alunos da EJA não se reconhecem como leitores fora do espaço escolar e minha investigação começa com a seguinte hipótese: os alunos da EJA não concebem como legítimas as práticas não escolarizadas de letramento.

Hipótese essa validada nas respostas às questões um, quatro e cinco do questionário. A maioria dos alunos responderam que não fazem uso da leitura fora da escola. De treze alunos participantes da atividade, somente dois responderam que leem quando não estão na escola, nove que fazem uso de outras leituras fora do espaço escolar e nenhum lê nos momentos de lazer.



Entretanto, o que me intriga nesse acolhimento dos dados é que todos os alunos consideram a escola como um espaço importante para o desenvolvimento da aprendizagem, principalmente da leitura, e que estão nela para, prioritariamente, desenvolverem a habilidade de ler.

A tabela construída corresponde à amostra das respostas dos alunos da II e III fases ao questionário. A partir das respostas dadas, somadas à minha experiência no ano com a turma, identifiquei o que me intriga e motiva a construir uma investigação sobre o objeto de estudo apresentado.

TABELA 1 - TABELA DE ACOLHIMENTO DOS DADOS DA PESQUISA

QUESTÕES	NÚMERO DE ALUNOS ¹ / RESPOSTAS	NÚMERO DE ALUNOS/ RESPOSTAS
1) O que você faz quando não está na escola?	2- Estudam e leem fora da escola	11- Praticam outras atividades não relacionadas à escola.
2) Você gosta de ouvir música? Que tipo de música?	TODOS gostam de ouvir música.	8- Músicas evangélicas e 5- Outros estilos.
3) Você gosta de ler?	11- Gostam de ler	2- Não gostam de ler
4) O que você lê fora da escola?	9- Gêneros e tipos textuais diversos.	4- NADA
5) O que você faz nos momentos de lazer?	TODOS realizam diferentes atividades.	NENHUMA relacionada à prática de leitura.

Tabela construída pela autora

As respostas às questões de números três e quatro, incomodaram-me muito. Dois alunos responderam que não gostam de ler, e quatro, que não leem nada fora do ambiente escolar. Entretanto, desses alunos, um, durante a atividade, fez várias considerações sobre o ato de ler. Não consigo relacionar as respostas *não gostam de ler e não fazem uso da leitura* com os alunos participativos, envolvidos, questionadores que são durante todo o tempo em sala de aula.

- *Tudo é leitura, professora!*, essa foi a fala de uma aluna no momento da interação com os colegas da sala durante a realização do questionário sobre as práticas socioculturais de letramento. Entretanto, essa mesma aluna surpreendeu-me quando respondeu a duas perguntas do questionário, a uma, ela diz não gostar de ler e, a outra, diz que não faz uso da leitura fora do espaço escolar. Como pode a mesma aluna reconhecer que vivemos em uma sociedade na qual somos

¹ Treze alunos responderam ao questionário aplicado na turma.



confrontados diariamente com situações que envolvem e exigem de nós o ato de ler, entretanto não se reconhece como um sujeito integrante dessa dinâmica nem mesmo dentro do espaço escolar do qual faz parte? Até que ponto minha atuação em sala de aula me permite - e a meus alunos - uma reflexão crítica sobre isso?

Os alunos da *Educação de Jovens e Adultos* veem na escola a chance de integrar-se à sociedade letrada da qual fazem parte por direito, cujo acesso é o domínio das práticas escolarizadas de eventos de letramento. No entanto, numa sociedade cada vez mais marcada pela cultura letrada, é necessário interagir com as muitas modalidades de textos que circulam pelos espaços sociais e apropriar-se criticamente do conhecimento acumulado como ferramentas para a compreensão e intervenção na realidade.

Sendo assim, a fala da minha aluna é carregada de significado. Para ela, a leitura passa pelo entendimento de que estamos em todo tempo imersos em práticas geradoras de sociabilidades que constituem o espaço social e é objeto das relações de poder que operam na sociedade. Nessa interação, fui redescobindo e ressignificando aquele ambiente de ensino e, simultaneamente, compreendendo as pessoas que lá estavam em seus universos sociais e culturais.

Tais reflexões motivaram o desenvolvimento desse trabalho no foco na maneira como podemos repensar as práticas não escolarizadas na sala de aula, e levaram-me a olhar novamente para o ambiente onde atuo, dessa vez enxergando como um contexto de pesquisa em que minha própria prática pode torna-se objeto de estudo.

A instituição escolar já é em si um lugar de diferença, de encontro com o outro, no qual iniciamos o convívio social depois de nossa casa e onde passamos boa parte de nossa infância e adolescência. Na EJA, essa relação configura-se ainda de forma muito mais complexa e plural. Pensar as práticas socioculturais de letramento nesse contexto torna-se, então, uma questão bastante densa que nem de longe pretendo esgotar nesse estudo.

Ao enxergar o caráter complexo das práticas socioculturais de letramento na EJA, validam-se tanto as práticas escolarizadas como as adquiridas nos espaços não institucionalizados como lugares do saber. Nesse estudo, torna-se imprescindível a atenção plena à vida desse grupo que tanto tem a acrescentar à escola com seus conhecimentos que não são privilegiados por ela, mas que está cheia deles, conhecimentos de vida, ou melhor, cheios de vida.

Toda essa análise busca um modo de articulação entre o letramento praticado pelos estudantes da EJA fora da escola e o que vem sendo feito em sala de aula, utilizando os Novos Estudos do Letramento para tentar lidar com a identidade e a diferença na escola numa perspectiva crítica.



Considerações Finais

Relembrando as considerações de Street (2014) e Gee (2008), os Novos Estudos do Letramento apontam um caminho para se repensar as práticas socioculturais de leitura no ambiente escolar. A leitura tornou-se um meio de compartilhamento de significados, um elo entre os dois mundos - o da escola e o da vida - por isso deve começar pela escola a superação por meio do diálogo e da comunicação entre os diferentes aspectos culturais, partindo de uma proposta crítica da realidade.

As respostas analisadas nesse breve estudo parecem evidenciar que a identidade e a diferença são ainda um assunto delicado quando abordado no convívio escolar, daí os esforços na criação de espaços na sala de aula que discutam a questão das práticas não escolarizadas como um elemento potencializador para a intersecção entre esses dois universos. Há letramentos múltiplos associados aos vários domínios da vida dos quais nossos alunos fazem parte e que precisam ser legitimados dentro da escola.

Acreditamos que perceber essas marcas de exclusão no discurso produzido no ambiente escolar, em especial na fala dos alunos da EJA, pode ser o primeiro passo para atender a uma demanda que ainda insiste em permanecer no cenário educacional - a de jovens e adultos que enxergam suas práticas socioculturais de letramento como um objeto desvinculado da sua realidade, mesmo em contato com ela durante toda a sua vida.

Por esse motivo, há uma preocupação em tornar as aulas mais reflexivas, as quais contemplem um ensino sociointeracionista da linguagem, uma vez que faz da escola um espaço de encontro com o outro, utilizando práticas socioculturais de letramento compreendidas nas relações concretas de interação.

LEARNING TO READ AND BECOMING A CRITICAL READER: SOCIOCULTURAL PRACTICES OF READING IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

ABSTRACT:

This research aims to investigate the sociocultural practices of literacy that the students of the Education of Young and Adults make outside the school space, this way understand them, "as products of the culture, the history and the speeches." (Street, 2014, p.9). We projected an exploratory study of these practices, using the field of Applied Linguistics (MOITA LOPES, 1996) and the New Studies of Literature (GEE, 2008; STREET, 2014), in order to rethink them in an ideological model. We will present an initial exploratory study, with a diagnostic purpose, where we analyze the answers of questionnaires applied in a multiseriante class from Elementary



School, which focused the experiences of this public with the sociocultural literacy practices. We realized that such practices are understood as an experience unlinked to the reality lived in the school.

Keywords: Youth and Adult Education. Sociocultural practices. Literature.

Referências

ARROYO, M. *A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão*. In.: Alfabetização e cidadania: Revista de Educação de Jovens e Adultos. n. 11, abr. 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. In *Estética da criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 9.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica. *Parecer nº. 11/2000, de 10 de maio de 2000*. Brasília, DF, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DICKMANN, Ivo & Ivanio, *Primeiras Palavras em Paulo Freire: 52 conceitos freireanos para uma Práxis Político-Pedagógica*. 2ª ed. São Paulo: Ação Cultural, 2016.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. 45ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

_____. *Educação e Mudança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia dos sonhos possíveis / Paulo Freire; organização Ana Maria Araújo Freire*. -1ª ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GEE, James Paul. *Social Linguistics and Literacies: Ideology in discourses*. London: Routledge, 2008.

GERALDI, João Wanderley organizador; Milton José de Almeida...[et al.]. *O texto na sala de aula*. 4. ed. – São Paulo: Ática, 2006.



KLEIMAN, A. *Modelos de letramento e práticas de alfabetização na escola*. In: Kleiman, A. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

MOITA LOPES, LP da. *Oficina de Linguística Aplicada: A natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996. Cap.1: Afinal, o que é Linguística Aplicada?

_____. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discursos e leitura*. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1987.

ROCHA, D; DAHER, D.C. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar? *DELTA*, São Paulo, v. 31, n.1, p. 105-141, 2015.

SILVA, Silvio Profirio. *Didática do Ensino da Língua: Concepções de Linguagem e Práticas Docentes de Leitura e Escrita*. Revista Arredia, Dourados, MS, Editora UFGD, v.1, n. 1: 63-82, jul./dez. 2012

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Ler o mundo*. Rio de Janeiro: Jornal O Globo, 2000.

SOARES, M. *As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto*. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 18-29.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução de Marcos Bagno. RJ: Parábola Editorial, 2014.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

